

O Malho, 1914: imagens de índios.

Jania Maria Tomaz de Souza

A pesquisa '*Representações de índios. Repertórios para a nacionalidade na nova ordem republicana*' vem sendo desenvolvida desde 2005 pela professora Eunícia Fernandes, numa tentativa de mapear imagens de índios veiculadas em periódicos de circulação no Rio de Janeiro da Primeira República. O trabalho focalizou a revista *O Malho* no período de 1902 a 1930. Esse trabalho consistiu na busca de imagens de índios no acervo de microfilmes da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, no qual o grupo de pesquisa já estava adiantado quando da minha inserção em 2007, portanto minha atuação se deu especificamente na pesquisa do ano de 1914.

A revista *O Malho* era constituída de, em média, quinze páginas, dividida em seções ou colunas, algumas bem delimitadas em relação aos assuntos, outras nem tanto. A Capa, por exemplo, trazia uma charge do assunto considerado mais importante da semana, as três páginas seguintes davam conta de anunciar os acontecimentos gerais, muitas vezes também através de charges. Variando de posição dentro da revista, eram reservadas uma ou duas páginas para anúncios publicitários os mais diversos, desde medicamentos e produtos de beleza a equipamentos técnicos, como máquinas de costura. As seções mais definidas eram as referentes a correspondências e fotografias de leitores, a crônicas e charadas, e aos esportes, que aparece timidamente ocupando meia página e depois surge com mais força no segundo semestre do ano, ocupando em média duas páginas. Uma coluna interessante é a *Salada da Semana*, que trás um quadro composto pelos assuntos mais importantes da semana, em formato de charge ou caricatura, essa coluna vem dividida em três ou quatro quadrinhos, cada um referente a um assunto, onde o caricaturista faz uma conclusão a partir dos temas tratados.

O trabalho de busca de imagens de índios no periódico *O Malho*, possibilitou o encontro de algumas imagens significativas, as quais nos dizem sobre o uso da representação do índio e sobre os assuntos mais recorrentes no ano de 1914 e como estes são tratados no periódico. Encontramos no periódico diversos significados no uso das imagens de índios: ora ele aparece com o selvagem, ora idealizado como índio da literatura romântica, ora ainda é representação do Brasil.

A imagem do indígena já carregada de significados antigos - tal como a do selvagem diante da civilização européia, que deve ser catequizado e civilizado através da Igreja ou do Estado - é adicionada de novos sentidos, ou atualizada em novas circunstâncias. De selvagem

o índio passa a aparecer como frágil, como aquele que precisa de assistência, auxílio ou a selvageria passa a designar uma reflexão sobre os terrores da Primeira Grande Guerra, engendrada pelos ditos ‘civilizados’

Dentro do grupo de imagens encontradas no ano de 1914, temos exemplos do índio representando regiões ou estados do Brasil - seja no caso do Ceará e Amazonas, referenciado pela lenda da índia Iracema ou pela floresta que teria o índio como seu morador - ou ainda representando a natureza e seus benefícios através de anúncios de medicamentos.

As imagens encontradas no ano de 1914 estão relacionadas ao conflito de Juazeiro, encabeçado por Padre Cícero, onde o Estado do Ceará aparece representado pela índia Iracema horrorizada em meio ao fogo cruzado entre as forças republicanas e os fanáticos. Mas também dizem respeito aos índios enquanto grupos étnicos, aparecendo em charge sobre a impunidade de fazendeiros do Maranhão que massacraram um grupo indígena e foram absolvidos pela justiça do estado.

As imagens estão relacionadas a questões internas e externas ao Brasil, no âmbito político-administrativo e econômico. No primeiro semestre temos a predominância dos assuntos referentes à República e suas relações com a dinâmica interna, talvez por isso, maior presença da imagem do índio representando o Brasil. Os temas recorrentes são os conflitos internos tais como o Contestado, disputa territorial entre Paraná e Santa Catarina. Outro assunto muito presente será a questão econômica do Brasil, referências aos cofres vazios, à necessidade de injeção de dinheiro estrangeiro. A predominância de assuntos internos no primeiro semestre não exclui a discussão de assuntos internacionais ou externos, um exemplo disso é a presença de charges sobre o conflito entre México e os EUA onde houve a interferência de três países sul-americanos, Brasil, Argentina e Chile, numa tentativa de restaurar a paz. A atenção dada aos problemas econômicos e os conflitos internos, ou regionais, vividos tanto no Brasil quanto na Argentina, permitem muitas vezes uma comparação entre o Brasil e Argentina, que apareceram juntos em uma charge sendo representados como crianças diante da velha Europa.

As referências às datas comemorativas também marcam presença no periódico *O Malho*, mas com a pretensão de marcar as contradições. No caso do mês de Fevereiro, várias notícias trazem o carnaval como pano de fundo para discutir a desordem em que se encontra a República, através de imagens de bêbados ou de bailes de máscaras onde a impunidade, a politicagem, e a desordem se fantasiam e passam despercebidas diante do povo.

No segundo semestre do ano de 1914, no entanto todas as questões se voltam para os conflitos externos, ou seja, aqueles que fazem parte das disputas internacionais que vão

engendrar a Primeira Grande Guerra. As relações internacionais se impõem como tema principal, e nesse momento é menor o número de imagens encontradas. Entre o início de Agosto e fim de Setembro há uma escassez de imagens de índios, após esse momento, as imagens voltam a reaparecer, só que com menor importância diante das imagens referentes às potências participantes da guerra. As charges focam seu olhar sobre o desenrolar e os problemas gerados pela guerra, as preocupações são principalmente os problemas econômicos e qual será o papel do país na batalha.

A partir de Agosto, por quase um mês será difícil encontrar imagens de índios, visto que o periódico privilegia os temas sobre a Primeira Guerra. Muitas páginas de *O Malho* serão preenchidas por fotos de combates, força bélica e grandes figuras militares, inclusive produzindo mapas e roteiros com informações sobre os países envolvidos, estratégias de guerra, números de combatentes, nesse sentido a repercussão da Guerra auxilia no desaparecimento momentâneo das imagens dos índios.

A imagem escolhida para representar o ano de 1914 será a charge denominada *O Novo São Sebastião*, encontrada na capa da revista de 17 de Janeiro, número 592, que trás o índio como representação do Brasil, escolhida em meio a outras pela sua permanência no decorrer do ano, e por que é utilizada sempre que se quer demonstrar as moléstias e chagas do Brasil.

Nesta charge vemos um homem de cabelos longos e negros amarrado a uma árvore, desfalecido, com os olhos fechados e com expressão de dor, o corpo do homem está cravado de flechas, e cada uma delas trás a seguinte inscrição: DEFICIT, CARESTIA DE VIDA, CRISE FINANCEIRA, CEARÁ AMOTINADO, BOATOS RRRORISTAS e BANCARROTA. Este homem veste uma calça listrada onde está escrito: BRAZIL. Os responsáveis pelas flechas estão diante do alvo, são identificados a partir de placas as quais carregam, e nelas está escrito: CONGRESSO, IMPRENSA, POLITICAGEM AGITADORA.

O Índio então é comparado a São Sebastião que, amarrado a uma árvore, foi cravejado de flechas, martirizado. No caso dessa caricatura, o índio representa o Brasil e seus sofrimentos mais comuns, ou seja, problemas financeiros, as revoltas internas, as disputas políticas e a ineficiência do congresso. Dessa forma, há uma crítica às instituições do país, pois devendo prezar pela sua saúde e lucidez, massacravam-no. A vitimação exposta no desenho cria a impressão de que o pobre índio – pobre país - não esperava ser cravejado com flechas lançadas pela imprensa, pelos políticos, o que é reforçado pela presença de um outro personagem recorrente nos periódicos daquela época: o Zé Povo. No canto, ele observa, indignado, a cena do que é realizado com o índio/ país, marcando o sentimento popular.

Nessa charge o caricaturista (não identificado) quis denunciar a situação crítica em que se encontrava o país, e qualifica diversos setores da sociedade como participantes ou até promotores do sofrimento infringido ao Brasil.